

## Patrimônio científico e memorial de Augusto Ruschi: reflexões, encontros e atualidade do pensamento ecológico no Brasil

**Marcelo Calderari Miguel**

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil  
[marcelo.miguel@edu.ufes.br](mailto:marcelo.miguel@edu.ufes.br)

**Margarete Farias de Moraes**

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Informação, Vitória, ES, Brasil  
[margarete.moraes@edu.ufes.br](mailto:margarete.moraes@edu.ufes.br)

**Sandra Maria Souza de Carvalho**

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil  
[sandramsc@hotmail.com.cl](mailto:sandramsc@hotmail.com.cl)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.44730>

### ARTIGOS

**Recebido/Recibido/Received:** 2022-08-22

**Aceitado/Aceptado/Accepted:** 2022-10-06

#### Resumo

O estudo averigua o empenho teórico do naturalista brasileiro Augusto Ruschi (1915-1986) diante a valorização planetária da ecologia para sustentabilidade das nações. Objetiva-se evidenciar os princípios e postulados de Ruschi que sustentam a complexidade dos encontros e parâmetros sobre patrimônio científico e memorial. Dessa forma, é importante demonstrar que o pensamento de Ruschi abre novos espaços de difusão da crítica e de dilemas próprios da linguagem científica. A metodologia envolve uma pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. Consulta-se trechos da obra e depoimentos do naturalista para focar a questão do desenvolvimento, da inclusão social e da educação ambiental. Os resultados indicam um legado social, refletindo a visão progressista no entorno do bens naturais e culturais de valor juridicamente protegido, desde o solo, as águas, a flora, a fauna, as belezas naturais e artificiais, o patrimônio histórico, artístico, turístico, paisagístico, arquivístico, arquitetônico, monumental, espeleológico, arqueológico, fossilífero, geológico, urbanístico e etc. Diversas contribuições servem para se pensar o paradigma social da ciência da informação, fortalecendo e apoiando a abordagem informacional. Conclui-se que Augusto Ruschi foi visionário, edificando um legado, sobretudo, intelectual que avançou internacionalmente. As memórias de Ruschi são fonte inspiradora de políticas públicas, pesquisas e extensões universitárias que desdobram múltiplas potencialidades de exaltar o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Identidade nacional. Memória. Ciência da Informação. Educação ambiental. Meioambiente. Responsabilidade social.

**Scientific and memorial heritage of Augusto Ruschi: reflections, encounters and current ecological thinking in Brazil**

**Abstract**

This paper analyzes the theoretical commitment of the Brazilian naturalist Augusto Ruschi (1915-1986) in the face of the planetary valuation of ecology for the sustainability of nations. The objective is to point out Ruschi's principles and postulates that meet the parameter of scientific and memorial heritage. Thus, it is important to demonstrate that Ruschi's thought opens up new spaces for the diffusion of criticism and dilemmas typical of scientific language. The methodology involves a bibliographic research and content analysis. Excerpts from the work and testimonies of the naturalist are consulted to focus on the issue of development, social inclusion and environmental education. The results indicate a social legacy, reflecting the progressive vision around the natural and cultural assets of legally protected value, from the soil, the waters, the flora, the fauna, the natural and artificial beauties, the historical, artistic, tourist, landscape, archival, architectural, monumental, speleological, archaeological, fossiliferous, geological, urban, etc. Several contributions serve to think about the social paradigm of information science, strengthening and supporting the informational approach. It is concluded that Augusto Ruschi was a visionary, building a legacy, above all, an intellectual one that advanced internationally. Ruschi's memories are a source of inspiration for public policies, research and university extensions that unfold multiple potentialities to exalt the environment.

**Keywords:** Field of possibilities. National identity. Memory. Information Science. Environmental education. Environment. Social responsibility.

### **Patrimônio científico e memorial de Augusto Ruschi: reflexões, encontros e pensamento ecológico atual em Brasil**

#### **Resumen**

El estudio averigua el empeño teórico del naturalista brasileño Augusto Ruschi (1915-1986) delante de la valoración planetaria de la ecología para la sostenibilidad de las naciones. Se objetiva evidenciar los principios y postulados de Ruschi que sostiene la complejidad de los encuentros y parámetros acerca del patrimonio científico y memorial. De ese modo, es importante demostrar que el pensamiento de Ruschi abre nuevos espacios para difusión de la crítica y de dilemas propios del lenguaje científico. La metodología involucra una investigación bibliográfica y análisis de contenido. Se consultan fragmentos de la obra y testimonios del naturalista para enfocar el tema del desarrollo, de la inclusión social y de la educación ambiental. Los resultados indican un legado social, reflejando la visión progresista en torno a los bienes naturales y culturales de valor legalmente protegido, desde el suelo, las aguas, la flora, la fauna, las bellezas naturales y artificiales, el patrimonio histórico, artístico, turístico, paisajístico, archivístico, arquitectónico, monumental, espeleológico, arqueológico, fosilífero, geológico, urbanístico, etc. Varios aportes sirven para pensar el paradigma social de la ciencia de la información, fortaleciendo y apoyando el enfoque informacional. Se concluye que Augusto Ruschi fue un visionario, construyendo un legado, sobre todo, intelectual que avanzó internacionalmente. Las memorias de Ruschi son fuente de inspiración para políticas públicas, investigaciones y extensiones universitarias que se desdoblán múltiples potencialidades para exaltar el medio ambiente.

**Palabras clave:** Identidad nacional. Memoria. Ciencias de la Información. Educación ambiental. Medio ambiente. Responsabilidad social.

## **1 Introdução**

Foi [...] na serra do Navio, no Amapá. Estava procurando beija-flores quando vi um grupo grande de sapos (cerca de trinta) no meio da mata. Fui até eles e apanhei alguns para estudo. Depois, fui descobrir que eram da espécie dendobrata, que liberam um veneno muito forte ao serem tocados. [...] estou sofrendo a ação do veneno. Tenho febres constantemente [...] mas continuo trabalhando. Quero apenas mais um tempo de vida para acabar as reformas no Museu e os livros (RUSCHI, 1986, p. 1).

‘O segredo de uma vida empolgante não está em descobrir maravilhas, mas em procurá-las’. Essa frase de Augusto Ruschi descreve bem o próprio cientista, que passou a vida a buscar, expor e se abismar com a natureza. Um homem que sonhou profundamente, que olhou detalhes no ar e nas aves, que politicamente expôs alarmes na ciência, na agronomia, na advocacia, na política, na ecologia e diante aos ecossistemas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Mata dos Cocais, Pantanal, Mata de Araucárias, Mangue e Pampas, conquistou internacionalmente reconhecimento pelos diversos estudos sobre a fauna e a flora, especialmente sobre os beija-flores (família *Trochilidae*) e a Mata Atlântica (que figura entre os cinco fundamentais biomas no *ranking* do *hotspots* de biodiversidade do planeta).

Destarte, os sonhos e o ‘dom’ de procurar – circunda a missão do bibliotecário (a), arquivista e museólogo (a). Está e se faz presente no ato de reconhecer a memória e a nação. Se de um lado a vida do teresense Augusto Ruschi é mal documentada e tem muitos fatos confirmados somente pelo próprio cientista, por outro lado, muitos profissionais têm desdobrado o nobre legado desse naturalista – Patrono da Ecologia do Brasil e erguem novas narrativas em defesa da ecologia.

Deve-se assim, pensar além do pioneirismo de Augusto Ruschi nas pesquisas com beija-flores, e, visualizar, como arguem Gonçalves e Furtado (2015), o alcance político dos trabalhos (ecologia, biogeografia e conservação de florestas) de Ruschi que aporta o prestígio acadêmico e o respaldo social contíguo às elites intelectuais dos maiores centros urbanos do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo).

Gonçalves e Furtado (2015) ratificam que a atuação de Ruschi se tornou uma referência nacional e internacional para difusão da ideologia conservacionista, situando emblemáticas disputas judiciais e reverberando um social debate (difusão do conhecimento, boletins, fotografias, documentos arquivísticos tridimensionais e sonoros) sobre o reflorestamento, a criação de parques e reservas biológicas. Assim, atua e prescreve a educação ambiental e intervenção estatal e científica para proteção e salvaguarda do exuberante patrimônio ambiental nacional.

Em especial a participação política e incansável militância ambiental influenciaram vários estudiosos latino-americanos posteriores, haja vista que espelha da personalidade “multifacetada e complexa deste naturalista, construída a partir das diversas atividades e representações do titular do acervo durante sua vida”, reforça Furtado (2015, p. 28). Nessa via, Furtado (2015, p.28-30) frisa que os arquivos pessoais situam a construção de narrativa, e, assim, a acumulação natural dos documentos é o reflexo da agnição e do “comportamento do indivíduo em relação ao mundo. Ela conta, por si só, a trajetória do ator social para compreender quem foi Augusto Ruschi, sua riqueza científica, cultural e histórica”.

Portanto, questionam-se quais são os legados, as atitudes e proezas de Ruschi que vão ao encontro da interface formativa e transformadora que há na incumbência de arquivos, bibliotecas, museus e centros/casas de documentação e memória. Com efeito, o objetivo geral deste estudo é identificar os princípios, a herança e os postulados de Ruschi como legado à biblioteconomia, arquivologia e museologia. Dentre os objetivos específicos, citam-se: a) apresentar breve biografia de Augusto Ruschi em prol da ciência; b) sistematizar a reflexão inicial ao legado documental e a difusão de informações; e, c) correlacionar interfaces e acrescentamentos que permeiam algumas heranças arquivísticas e museais para o estudo da memória e o dinâmico todo da Ciência da Informação (CI) no país.

Nessa via, o tema relatado neste estudo é importante e, quiçá, inspira a acreditar que perseguindo suas pistas, inovamos ainda a CI, projetando a nobre missão e os desafios postos aos profissionais da CI, que ativa múltiplas engrenagens da sociedade e contra indaga ao processo de coisificação os artefatos naturais. Posto isso, Ruschi com veemência, assinala que ‘o segredo’ que empolga o viver está na ‘procura’ – surpreenda-se antes! Logo, a arte de ‘encontrar’ algo, mostra o quanto é magnífico o bel-prazer de ‘investigar’ (BRASIL, 2018).

## **2 Olhares para Ruschi: vida, saber e difusão de identidades?**

No período em que os principais países do mundo buscam estabelecer modelos de desenvolvimento mais sustentáveis e integrados ao meio ambiente, o olhar mais atento de Ruschi expande reflexões. Cientista, advogado, professor, defensor das florestas, Patrono da Ecologia do Brasil - esses e outros adjetivos e ocupações marcaram a vida do naturalista brasileiro Augusto Ruschi (1915-1986). Nascido na cidade de Santa Teresa, descendente de imigrantes italianos católicos, marcou a história de seu Estado natal e também a do Brasil, em especial por seus estudos sobre beija-flores (*trochilidae*), orquídeas (*Orchidaceae*) e primatas antropoides, desempenhando uma sistemática militância em favor da natureza.

Ruschi, defensor intransigente da preservação e conservação dos ecossistemas brasileiros, cientista militante, assim professa: a habilidade de aniquilação humana veio do arco e flecha, inclui a “bomba atômica e irá muito além dela. Mas a Natureza lhe cobrará tributos cada vez maiores, e se desejarmos continuar como elementos integrantes dessa mesma Natureza, a quem devemos uma grande parcela de nossa existência, façamo-lhe justiça, conservando-a” (GURGEL, 2021, p.19). Ruschi, assim, se preocupa bastante com o fato de expor que o homem passou da história do arco e flecha para guerra nuclear. Essa, institui, o mais evoluído fator de retroalimentação para frear a expansão demográfica e o narcisismo da humanidade (real prova de que os ditos civilizados não amam o que é de todos).

Gurgel (2021, p.14) reporta que Ruschi compreendia a natureza e todas as formas de vida. Ao longo de sua trajetória, o naturalista abrilhantou causas de preservação da natureza e exerceu um papel decisivo na criação de áreas de preservação em várias outras regiões do Brasil e do mundo. Ruschi, aponta Gurgel (2021), foi militante incansável da causa ambiental, sendo pioneiro em denunciar o desmatamento da Amazônia. A contribuição de Ruschi para a Ciência é imensurável, diversos trabalhos científicos, livros, lutas e inspiração para abertura de instituições científicas (Instituto Nacional da Mata Atlântica; Estação de Biologia Marinha Augusto Ruschi; Fundação Brasileira para Conservação da Natureza – FBCN, etc.). Nessa via, entende-se que:

Além das pesquisas, “Guti”, como era conhecido entre os amigos mais próximos, construiu relações de prestígio e confiança com diversas autoridades políticas e conseguiu desenvolver um longo trabalho de colecionamento biológico e mapeamento dos recursos naturais [...]. Além das contribuições para os conhecimentos biológicos, Ruschi participou do processo de criação das primeiras áreas de proteção natural do Brasil [...]. Famoso por ter contrariado interesses empresariais multinacionais no contexto do plantio de eucaliptos em Aracruz e pelas constantes denúncias de invasão de terras na Ilha de Comboios e em Itaúnas, Ruschi também militou pelos direitos indígenas à terra e ao reconhecimento como sujeitos portadores de conhecimentos indispensáveis aos cuidados com o meio ambiente e, portanto, com a diversidade biológica e cultural da vida (ESPÍRITO SANTO, 2019, p. 1).

Pacheco e Medeiros (1985), Pinheiro (2019) e Maia e Franco (2021) argumentam que Ruschi era um cientista desde de menino. Assim, a criança Ruschi se encantou com a natureza e projetou caminhos:

Amante das flores [...] menino ainda, pés descalços, segredava pétalas. E riscava apressados desenhos para guardar em retrato suas flores preferidas, as orquídeas. Cresceu e quis morar na floresta, onde restam flor e silêncio verde [...] Acordava com a manhã de flora e fauna [...] saía em defesa de chãos que equilibram raízes, de ares que sustentam vôos [...]. Assim sua coragem para defender orquídeas e beija-flores correu boato no mundo inteiro, sua coragem e sua sabedoria sobre a vida nas florestas (PINHEIRO, 2019, p. 6-31).

Nesse sentido, apaixonado pela natureza, Ruschi não se agradava somente em contemplar suas cores, aromas, sons, texturas e estruturas. O menino desejava compreendê-la, decifrar seus sentidos e mistérios, e assim colaborar com a vida das espécies e, por extensão, da humanidade (GURGEL, 2021).

O homem de ‘causas’<sup>1</sup> chamado Ruschi assim é aclamado:

---

<sup>1</sup>Ruschi nasceu em 12 de dezembro de 1915. Começou a desenhar orquídeas aos dez anos e as figuras eram acompanhadas por uma descrição da planta. Aos 21 anos de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar Engenharia Agrônômica na Escola Superior de Agricultura, Veterinária e Química Industrial de Campos. Nas férias ele retomava as pesquisas em Santa Teresa, trabalhando com bromélias, orquídeas e pássaros. Em 1949 Ruschi inaugurou o ‘Museu de Biologia Professor Mello Leitão’ com a proposta de

Augusto Ruschi publicou [...] obras de grande importância, [...] Para suas pesquisas realizou 259 excursões científicas por todos os lugares do mundo, da Patagônia ao Alasca, sempre registrando em publicações repletas de fotografias e slides [...] Dizia que se as matas fossem destruídas morreria de tristeza. [...] A indignação dele aumentava à medida em que aprofundava o assunto. Enfrentava autoridades, empresas e até a própria justiça para defender as matas virgens [...] Transformou-se em mito nacional ao enfrentar corajosamente, em 1977, o Governador do Estado do Espírito Santo [...] Ruschi recebeu os fiscais do governo, que vieram fazer a topografia da reserva com uma espingarda na mão, bradando: Aqui não. Se passar daí, ficam definitivamente no chão. Em defesa da natureza eu sou capaz de matar ou morrer”. [...] A pequena cidade de Santa Teresa foi invadida por jornalistas, que divulgaram para todo o país um dramático e realista apelo de Ruschi pela preservação da Reserva. [...] A história de Augusto Ruschi, sua trajetória e polêmicas, não se fariam contar, caso não houvessem existido seus grandes interlocutores e amigos. [...] Juntos estes homens [...] criaram novas ciências ou foram pioneiros de suas idéias como a agroecologia, bioacústica e etologia, despertaram o ambientalismo no mundo, lançaram a semente da proteção mundial da biodiversidade mundial e especialmente a brasileira, modificaram multinacionais, leis, aperfeiçoaram a vida do homem, e acima de tudo, encantaram multidões com suas histórias, fotos, ou sábios conselhos para o presente e o futuro. [...] Augusto Ruschi [...] como um mago contador de histórias [semeou a] mensagem de grande poder e sabedoria que era a proteção à natureza (RUSCHI [André], 1997, p. 1).

O engajamento de Ruschi na defesa da natureza garantiu notoriedade ao seu legado, sobretudo após a década de 1970, o naturalista confronta-se com o governador do Espírito Santo, impedindo-o de instalar uma fábrica de palmitos enlatados na Reserva de Santa Lúcia. Destarte, em 1984, Ruschi veio a doar o “Museu de Biologia Professor Mello Leitão e suas reservas à Fundação Pró-Memória do Ministério da Cultura. Posteriormente, a instituição passou a integrar o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, após a sanção da Lei n.º 11.906, o Instituto Brasileiro de Museus” (ASSOCIAÇÃO DE AM..., 2011, p. 1).

Entretanto:

Foram as pesquisas sobre biologia e etologia de beija-flores que lhe trouxeram reconhecimento internacional, especialmente a partir do desenvolvimento de técnicas de captura, transporte, criação e reprodução dessas aves em cativeiro. [...]. Em virtude de ter participado de diversos conselhos e associações ligadas à ornitologia, botânica e conservação da natureza, e devido às campanhas nacionais e internacionais que protagonizou em defesa de remanescentes florestais e espécies ameaçadas de extinção, teve seu nome popularizado como ícone de defesa do meio ambiente. [...]. Exemplos disso foram a cédula de NCz\$ 500,00 (Quinhentos Cruzados Novos), que entre 1989 e 1990 estampou sua vida e obra, e a concessão póstuma do título de Patrono da Ecologia do Brasil, por meio da Lei federal nº 8.917, de 13 de julho de 1994, assinada pelo presidente Itamar Franco [...] (INMA, 2014, p. 1).

---

desenvolver pesquisas no campo da Biologia e atrair pesquisadores de diversas partes do mundo (MAIA; FRANCO, 2021).

O legado do Museu de Biologia Professor Mello Leitão é uma ambiência vívida, sem descuidar de atividades voltadas à educação ambiental, bem como à memória de seu Patrono, servir hodiernamente para refletir sobre nossa relação com o mundo. Em sintonia com a manutenção e expansão desse importante patrimônio público, a instituição federal foi transferida para a tutela do Ministério da Ciência e Tecnologia (hoje, MCTIC), em 5 de fevereiro de 2014, sendo incorporada à estrutura do Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), especialmente criado para esse fim.

E possível apontar que a criação de museus e manter registros de seu trabalho pôde configurar uma tentativa de produção de legado, como pode ser visto abaixo:

Homem da floresta, conservacionista apaixonado, cientista prestigiado internacionalmente, Ruschi preocupava-se com a continuidade de sua obra. Pensando nisso, doou o Museu de Biologia Mello Leitão e a Reserva de Santa Lúcia, à Fundação Nacional Pró-Memória, e os direitos autorais de sua obra literária, manuscritos e arquivo de fotos ao único filho que ‘seguiu a carreira científica’. [...] Augusto Ruschi [...] [era] convencido de que a única esperança de sobrevivência para a humanidade era o homem mudar radicalmente a sua relação com o meio ambiente. Segundo ele, todo o esforço de nada adianta se não houver conscientização da importância da conservação da natureza entre as crianças de hoje [...]. Através de uma nova ética ecológica, construída a partir da Educação Ambiental [...] (RUSCHI, 1997, p. 1).

Gonçalves e Furtado (2015) apontam que o Fundo Augusto Ruschi<sup>2</sup>, contém registros de foro privado (entre documentos bancários, cartas trocadas com colegas, homenagens e serviços prestados para empresas e poderes públicos) e itens documentais de institucional índole, em particular, documentos que se referem às funções inerentes de ‘diretor perpétuo e proprietário’ do Museu Mello Leitão.

Postulada a real importância da paisagem ambiental, o legado político que reside na obra de Ruschi movimenta muitas gerações, redes e interações, que fomentam a visibilidade à causa ambiental. O espólio de Ruschi aponta para o alceamento de uma sociedade mais justa, solidária, democrática, inclusiva e igualitária. Sendo assim, diz Ruschi (1997, p. 1), uma referência para todos os olhares que se propõem a contribuir para a revolução cultural, que está por acontecer e que poderá evitar o colapso da vida na Terra.

Portanto, entende-se que o legado de Ruschi mostra a coragem em desbravar novos territórios, a paciência em ouvir e rebater críticas. Ademais, os princípios humanos e democráticos do legado de Ruschi conclamam a um viés informacional. André Ruschi [o filho]

---

<sup>2</sup>O Fundo Augusto Ruschi pertence ao Centro de Informação e Documentação do Museu Mello Leitão e está organizado atualmente em 10 séries documentais, a saber: Série 1 – Vida Pessoal; Série 2 - Formação Científica e Cultural; Série 3 – Diretor-Fundador do Museu Mello Leitão; Série 4 – Naturalista do Museu Nacional; Série 5 – Atividades Docentes; Série 6 – Profissional Liberal; Série 7 – Serviços Prestados; Série 8 – Participação em Associações Cívicas e Conselhos; Série 9 – Participação em Eventos e Difusão Científica; Série 10 – Documentos Complementares (GONÇALVES, 2015).

frisa que o pai também foi um defensor da cultura e dos direitos das minorias indígenas, abraçando a cultura indígena. Augusto Ruschi “sensibilizou novamente o país, no ano de 1986. [...] Ruschi ainda não experimentara tamanha notoriedade [...]. O episódio da pajelança serviu para que a imagem de Ruschi fosse largamente noticiada a todas as camadas da população brasileira, assim como a grandiosidade e o pioneirismo de sua obra (RUSCHI, 1997, p. 1).

E, outra vez, foi a sensibilidade aos gritos da própria natureza e dos suspiros de vida que Ruschi, com veemência, anuncia em uma entrevista: “–Vou até onde der – avisa” (MEDEIROS, 1995, p.179). Ademais, e à singularidade da personalidade do naturalista ao observar e tratar determinados documentos institucionais e privados, que serve de inicial indagação ao estudo: por meio do ecologismo, Ruschi expressa algo a respeito do Brasil e de si próprio? Onde começa a história e a identidade institucional do museu dele e onde termina a do teresense? Quais os fluxos de informações e interfaces situam diálogos com a Ciência da informação? O foco das reflexões e questionamentos levantados giram em torno dos fatores geográficos, psicológicos, relações sociais e do meio ambiente, e são dotados de uma criatividade ímpar (que traz em seu bojo uma singularidade subjetiva) e de dispositivos legais pertinentes.

[...] o acervo arquivístico do ecologista e naturalista Augusto Ruschi foi declarado de interesse público e social por meio da Portaria MJSP (significado dessa sigla?) nº 119, de 4 de julho de 2022, pela sua ‘relevância para a história da ciência e para conscientização da sociedade brasileira sobre a importância da preservação da flora e da fauna de nosso País’ [...]. A iniciativa, em 2011, [...] de solicitar ao Conselho Nacional de Arquivos o reconhecimento do valor [em prol do] arquivo privado [...] [contudo] Há 6 anos, André Ruschi, filho de Augusto Ruschi, veio a falecer no processo, mas seus familiares e amigos devem celebrar juntamente com todo o Espírito Santo, pois esse é o primeiro acervo do Estado declarado de interesse público e social na história do Brasil (UFES, 2022, p. 1).

Ruschi morreu em Vitória, em 1986, deixando uma notável contribuição à ciência e as ações de preservação ambiental. Atente-se para o fato de que o acervo privado do naturalista é agora expressamente de interesse público e social na história do Brasil, decorrente de sua complexidade ou sua insustentabilidade, decorre do fato de que o preservar da fauna e da flora brasileiras contribuem para que a natureza seja menos agredida e, assim, ajuda a preservar as espécies, sendo esta uma condição *sinequa non* para a conscientização de que a nossa paisagem natural se situa no equilíbrio do meio ambiente e da vida. As pesquisas e itens documentais de Ruschi, reforçaram a importância da conservação do bioma e da restauração das interações ecológicas planta-animal. Na sequência, Ruschi ficou convencido de que a única esperança de sobrevivência para a humanidade, era o homem mudar radicalmente a sua relação com o meio ambiente.

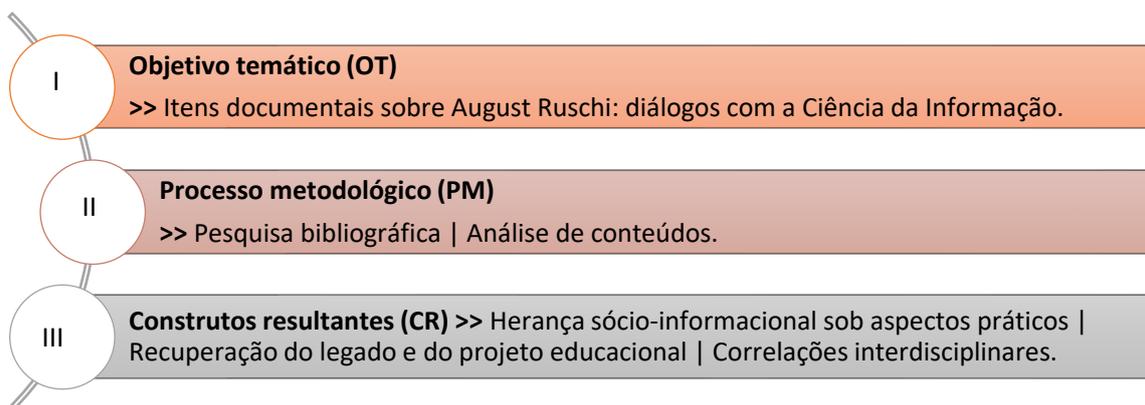
### 3 Metodologia

O estudo, quanto à forma de abordagem, se caracteriza como qualitativo. O ambiente natural é a fonte “direta para coleta de dados” e há um vínculo “indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em número” (CHEHUEN NETO; LIMA; 2012, p. 102). Destarte, se entende, que quanto os objetivos gerais a pesquisa é de natureza exploratória, posto que, proporciona maior “familiaridade com o problema, na premissa de torná-lo explícito para construir nova hipóteses” como alegam Chehuen Neto e Lima (2012, p. 103).

Com base no regaste de fragmentos bibliográficos, são discutidos acontecimentos que ratificam as articulações históricas, sociais e nevrálgicas da vida e obra de Augusto Ruschi, que alimenta as interfaces com a CI. Busca-se extrair subsídios e reflexões que dialogam com a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia, ao se discutir a abrangência e a transversalidade do discurso e da atuação laboral e pessoal de Ruschi. Assim, o estudo e a resultante da investigação indica, a partir de dados não quantificáveis, a partir de alguns quadros de elucidações, inferências e proposições.

No que tange os procedimentos técnicos, adentra-se no âmbito da pesquisa bibliográfica trazendo os preceitos da análise de conteúdo, situando a literatura corporificada do legado de Ruschi em prol dos anseios da CI. Nessa via, os procedimentos encetam três fases para se estruturar os resultados, e, assim, aplica-se a seguinte esquemática para compor a análise.

**Figura 1** – Etapas do processo metodológico



Fonte: elaborado pelos autores, jul. 2022.

A partir da ilustração (Figura 1), averigua-se que os três passos da metodologia se associam ao procedimento que esquadrinha a senda e solução do tema inicial. Via pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, a terceira etapa (CR), é acrescentada como uma

complementação do ciclo anterior e traz possibilidade de categorização de descritores pertinentes a temática (OT).

Em relação ao processo de pesquisa bibliográfica, de modo geral, objetiva-se localizar e filtrar as informações e dados que servirão de base para constituir a investigação proposta a partir de determinado tema. Na pesquisa bibliográfica, é imprescindível que o pesquisador verifique a veracidade das fontes, nessa via, situando a seleção da resposta, a renegociação de associações e o desenvolvimento das estratégias de busca. Finalmente, cruza-se os descritores 'Augusto Ruschi / Ciência da Informação' nas plataformas *web Google Scholar*, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *The Brazilian Open Access Publications and Scientific Data Portal – Oasisbr* e no 'Arquivo Augusto Ruschi' (AAR) com documentos do antigo Sistema Nacional de Informação (SNI) e do Arquivo Heloísa Alberto Torres (AHAT).

Na análise de conteúdo, foram selecionadas itens documentais (livros e trechos de entrevistas) que trazem depoimentos e feitos de Ruschi, a saber: 'Ruschi: o agitador ecológico' (MEDEIROS, 1995), 'O homem, a mata e o beija-flor' (MAIA; FRANCO, 2021), 'Ruschi: o guardião da floresta' (GURGEL, 2021) e recortes de jornal (arquivo pessoal, *clipagem*).

A escolha dos discursos sobre a vida e obra de Ruschi se justifica ao se registrar um legado de realizações e polêmicas em prol da Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA). Assim, a 3ª etapa (CR) retoma concepções do bloco metodológico anterior, de modo a atingir o objetivo final do estudo, situando os princípios e postulados de Ruschi para construção de uma sociedade desracializada, na qual a singularidade do indivíduo seja valorizada e celebrada.

As etapas PM e CR alinham valores éticos e a responsabilidade social, adentram na questão da sustentabilidade e do desenvolvimento da sociedade, mostrando que o movimento preservacionista é um tema que integra múltiplas dimensões políticas (no contexto histórico é utilizada em diferentes áreas) e estéticas, sintetiza, de modo hodierno, grandes fluxos de informação e multilaterais ações ambientais. Ademais, o produto alcançado situa um pequeno rol de itens documentais e pontos de encontro de aproximação, que vão ao encontro com o diálogo possível na Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Os resultados obtidos na fase CR pautam algumas proposições para se reivindicar o patrimônio natural, isto é, a gestão e vigilância da 'paisagem' para o campo de atuação da CI.

#### **4 Análise e discussão dos resultados**

A importância e os pontos de convergência da obra e vida de Augusto Ruschi para a CI envolvem os círculos de visibilidade científica que o pesquisador obteve na sociedade, uma

trajetória de luta, persistência e vitórias. Distintos, mas convergentes fragmentos da obra de Ruschi envolve o patrimonialismo ecológico, arrazoa-se que:

[...] por sua obstinada defesa da vida natural e da ecologia, citado em revistas de grande circulação, tendo tido o privilégio de ‘ser beijado por um beija-flor’, resta-lhe a esperança de que os jovens entendam sua mensagem, o seu apelo, em favor da preservação do mundo natural, indispensável à existência de uma civilização inteligente e racional [...]. AUGUSTO RUSCHI [...] Deixa lavrado o seu profundo protesto contra os vândalos e bárbaros que devastaram nossa Pátria [...] [assim] já se esboça bem a vingança da floresta morta; onde tombou, explana-se o pré-deserto, mostrando-nos os símbolos frisantes dos seus espectros, como a fome, a sede, as enfermidades, as enchentes [...]. O bravo cientista capixaba, em sua condenação afirmou[...] a terra é finita e o número de seres humanos que ela comportará também é finito. Na natureza tudo e todos são interdependentes; assim, a sobrevivência de todas as espécies, inclusive o homem, só pode ser conseguida através do entendimento desta interdependência. Façais tudo em prol da natureza, conservai o que é de todos (MORRO DO MORENO, 2021, p. 1).

No depoimento de Ruschi há a inquietação com o deserto verde (monoculturas de eucalipto) e a degradação do meio ambiente que afeta amargamente a qualidade de vida e o futuro. Ele se aposentou no final de 1983, e, ao longo de sua carreira, envolveu-se em algumas polêmicas, sendo o pesquisador inquirido por alguns de seus companheiros de profissão sobre os “repovoamentos de beija-flores” e suas investigações com orquídeas, foram moeda de troca para obtenção de favores políticos (IBICT, 2022, p. 1).

A trajetória que à vida, à obra e à memória do pesquisador capixaba se notabilizou internacionalmente pelos estudos que produziu sobre a fauna e a flora, especialmente sobre os colibris e a biodiversidade da Mata Atlântica, além de sua intensa militância em defesa do meio ambiente. Assim sendo, a Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, concedeu (ano de 2015) o título de Doutor *Honoris Causa* a Augusto Ruschi. Com essa dimensão socioambiental em pauta, a Ufes pronunciou:

Augusto Ruschi [...] classificou 80% das espécies brasileiras de colibris, catalogou mais de 600 espécies de orquídeas, além de identificar 50 novas, e estudou a vida das bromélias e dos morcegos [...] O cientista deixou cerca de 400 artigos científicos publicados, e idealizou e concebeu projetos para instituições zoológicas e botânicas de vários países. Seu trabalho [...] contribuiu fortemente para a popularização da ciência. Suas pesquisas resultaram em vasta e rica coleção de fotografias e desenhos científicos. Contribuiu ainda com importantes estudos para o combate a pragas na agricultura, e na implantação de diversas reservas ecológicas no país. Instalou duas instituições de pesquisa no Espírito Santo: o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, transformado no INMA, e a Estação de Biologia Marinha Augusto Ruschi, em Aracruz (UFES, 2015, p. 1).

É a união compromissada e áurea, marca da aliança entre o pesquisador ambiental e bradador contra as más condutas políticas que nos rodeiam, que se celebra, de forma oportuna e meritória, o centenário de nascimento de Augusto Ruschi (12 de dezembro de 1915). Fundos

e coleções documentais sobre Ruschi privilegiam, precisamente, os valores, as tradições, a cultura e os preciosos artefatos relevantes para a valorização da memória social, como constitutiva da identidade de povos e nações.

Ruschi é a memória de um incansável protagonista para o surgimento de reservas florestais (estações ecológicas), é a projeção de bibliotecas, museus (coleções e conhecimentos técnico-científicos erguidos para humanidade) e parques. Portanto, a missão de Ruschi traz um horizonte promissor aos estudos da CI. Aponta que a integração entre arquivos, bibliotecas e museus é zelar pelo compromisso com a democratização do acesso à informação, o perene constituir de acervo-laboratório coopera para o acréscimo crítico e ético dos indivíduos.

Em suma, principalmente, no panorama brasileiro, que a marginalização e o acesso desigual à ciência mostram que a educação ambiental ainda não está inserida no núcleo dos espaços educacionais não formais (como os museus, arquivos e bibliotecas), ambiências imprescindíveis para ampliar questões humanistas como autoestima, empoderamento social e cidadania em prol da alfabetização-cultura-apreciação científica.

Cabe explicitarmos que os princípios humanos, sociais e democráticos “Ruschinianos” em esferas das bibliotecas públicas, universitárias e escolares, pode-se utilizar de estratégias informacionais e despertar o protagonismo dos interagentes das unidades de informação para a cidadania ativa, a conscientização. Nessa via, a CI vem fornecendo proposições e soluções para os problemas ambientais de seu entorno e, a ilustração a seguir expressa alguns tópicos interessantes ao diálogo político, formador e atuante:

**Quadro 1.** Interfaces de Ruschi e a CI: núcleos e o âmbito dos estudos e subgrupamento

<b>Arquivo</b>	<b>Biblioteca</b>	<b>Museus</b>	<b>Outros</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivos públicos – apoio técnico, expansão</li> <li>• Curadoria digital de dados científicos</li> <li>• Democratização da informação cultural.</li> <li>• Difusão arquivística da produção científica</li> <li>• Digitalização e reprodução de documentos arquivísticos</li> <li>• Documentação de auditoria.</li> <li>• Educação em arquivo, educação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ação cultural, fabricação cultural e animação cultural</li> <li>• Atividades sócio-culturais de mediação e leitura</li> <li>• Biblioteca pública – sociabilidades.</li> <li>• Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde</li> <li>• Educação ambiental e patrimonial</li> <li>• Fluxos e uso da informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação online e discurso turístico</li> <li>• Ecologia da informação</li> <li>• Educação em museus: pesquisas e práticas</li> <li>• Estratégias de cooperação, integração, inclusão e cidadania</li> <li>• Intervenção ambiental</li> <li>• Práticas leitoras e informacionais: mediação e apropriação</li> <li>• Preservação da memória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cidadania ambiental</li> <li>• Distender a alopatia</li> <li>• Intervenções artísticas e nas multimídias</li> <li>• Marca Brasil – cinema, saúde, arqueologia</li> <li>• Postos de Informações Turísticas (PIT's), Centro de Informações ao Visitante (CIV).</li> <li>• Produção cultural, infoeducação e lazer</li> </ul>

patrimonial e ambiental • Patrimonialização e memória • Preservação, conservação e restauro	• Folksonomia, indexação colaborativa • Mediação infocultural, mediação da leitura literária e o incentivo a ludicidade	• Patrimonização da natureza e produção do espaço regional • Serviços ambientais integrados	• Propriedade Intelectual • Diálogos transdisciplinares. • Mediação infocultural
---	--	--	--

Fonte: os autores, guia de pontos da herança documental bibliográfica de Ruschi para a CI, ago. 2022.

Na atual senda, contexto de multicrises globais, o cenário de guerra e extermínio, mostra a ação truculenta de políticas que apoiam o desmatamento, o linchamento (físico e simbólico) frequente de povos e comunidades tradicionais, reconfigura-se um processo de ‘moer gente’. O que intensifica o modelo mercantilizado da sociedade. A trajetória política e ambiental de Ruschi reforça e potencializa a unidade de informação pelo país, afinal, o legado de Ruschi celebra os direitos humanos e uma luta por preservação da natureza e da vida.

No projetar de utopias, projetos e as questões relacionadas à sustentabilidade ao âmbito da CI, as abordagens patrimonialistas de Ruschi, pautam elementos socioeconômicos da sociedade brasileira e mostram a pífia consciência política quanto aos problemas ambientais. Esses elementos reforçam que a luta em favor da natureza passa, necessariamente, pela compreensão que há um agravamento da crise ambiental. A efetivação de uma nação bem-educada perpassa pela ótica antropológica do pesquisador e mostra que o equilíbrio ambiental se engrena a continuidade da vida. Nessa via, o Padre Honório José Siqueira, assevera.

Ruschi representa para a humanidade o que São Francisco representou também para a humanidade, principalmente no que se refere ao respeito à natureza. Tudo que estamos passando neste momento, já sabíamos disso pela voz profética, pelo testemunho corajoso e pela postura coerente de Augusto Ruschi desde os tempos de sua juventude. O que ele dizia antes, estamos experimentando. Se não ouvirmos sua voz, que continua ecoando, nossos netos vão pagar muito caro pela irresponsabilidade da humanidade. (ESPÍRITO SANTO, 2015, p. 2).

Percebe-se que o legado Ambiental de Ruschi é trabalhado de forma crítica e transformadora. Serve para fornecer bases para a transformação que se espera nas ações das pessoas, para se construir uma comunidade ambientalmente sustentável. Nessa via, Dietrich e Almeida (2021, p. 3-4) alegam que parte da Igreja Católica, se sente “desafiada e, também responsável pela questão ambiental, levanta sua voz e faz um apelo à ecologia integral, ao cuidado e à proteção e preservação da Casa Comum [...] essa chamada do Papa Francisco e da Igreja é importantíssima”.

Assim sendo, o agravamento da crise, estimulado pelo aprofundamento da desigualdade social, que evidencia o conflito, “o medo, a indiferença e o desconhecimento da crise socioambiental nos torna descrentes de um futuro, fazendo-nos crer que, se o potencial

destrutivo continuar em vigor, a tendência é o esgotamento de recursos, do consumo e por fim, da própria humanidade” interpelam Zupelari e Wick (2015, p. 454). Deste modo, a proposta transformadora de Ruschi, ora com euforia, ora com aversão, ora como realidade inarredável assim se demarca:

E só Deus sabe o que me custou manter todos esses anos essa reserva [Estação Biológica de Santa Lúcia] [...] E o equilíbrio natural é complexo, onde às vezes a ausência de um elemento pode causar uma falha muito grande. Se a natureza foi acrescentando espécies durante milhões de anos é porque precisava para deixar seu status de clima ideal. O homem é que veio para perturbar e desequilibrar [...] Ele devia, pelo menos, guardar o patrimônio genético das espécies que lhe serão úteis depois. Há espécies que você ainda não descobriu, e de que, portanto, não se conhece ainda seu princípio ativo e químico, mas que já foram extintas. Muitas das quais poderia ter servido à própria humanidade [...] na Amazônia está ocorrendo o maior crime do planeta. O maior crime de todos os tempos, pois nunca se derrubou tanta árvore como está ocorrendo lá [...]. E a Amazônia vai virar um deserto, numa época, inclusive, em que políticos e ministros falam muito da ecologia. Mas não fazem nada. [...] Estou cansado de ver esse país metido em tanta safadeza, onde nada ocorre com os ladrões de colarinho branco e com os predadores da natureza. Mas vão para a cadeia os pobres que roubam, para saciar a sua fome, uma galinha ou um pão [...]. [discurso de Ruschi –Vitória, 1985] (MEDEIROS, 1995, p. 187-189).

A mentalidade ecológica é tema inarredável em qualquer discussão, seja teórica ou tecnológica, sobre os grupos humanos. Ademais, Gonçalves (2018, p. 223) alega que “Ruschi era frequentemente acessado por autoridades públicas do estado e do país, fosse para prestar informações ou consultorias informais sobre temas ligados à natureza, fosse para implantar viveiros de beija-flores para embelezamento da cidade”.

Na entrevista à *Folha de S. Paulo* (janeiro de 1986), Ruschi reporta que jazia ‘decepcionado com as coisas do futuro’. Tal passagem traduz a amargura do septuagenário e debilitado cientista que olha os pífios direcionamentos da preservação do meio ambiente no país (de gigante passivo ambiental). Com rouca voz diz que quer ‘um tempo de vida’ e aponta:

[sobre as perspectivas de continuidade do seu trabalho e do movimento de preservação ecológica no país?] Estou meio desanimado [diz Ruschi]. Não sei o que vai ser do Museu e da reserva quando eu faltar. Meu filho André, que estudou Biologia, não se interessa, quer ficar em Campinas (SP) e trabalha com plantas medicinais. A nível nacional, vejo que a preservação florestal depende do presidente do IBDF: se ele gosta da natureza, dá força a este aspecto, se é mais ligado às questões comerciais, é uma tragédia. Há 35 anos, escrevi que estávamos caminhando para construir na Amazônia o segundo maior deserto do mundo. Hoje, a previsão vai se confirmando. Estão destruindo a floresta [...] depois a caatinga e, finalmente, o deserto (RUSCHI, 1986, p. 1).

Os arquivos pessoais de Ruschi abrangem questões inéditas para a CI e, quiçá, o legado pautado um fértil terreno de oportunidades multidimensionais (baseado em liberdade, dignidade, justiça e compaixão) e pioneiro de ideias de agroecologia, bioacústica e etologia, narrativas que

despertaram o ambientalismo planetário, lançam sementes sobre a proteção da biodiversidade mundial, aperfeiçoa as políticas públicas, encanta multidões com essas histórias, fatos e fotos, ou sábios conselhos para o presente e o futuro.

Chama a atenção, sobretudo, o modo como Ruschi soube instrumentalizar os novos conhecimentos biológicos também para responder a demandas socioeconômicas voltadas, por exemplo, para a atividade pecuária (controle da raiva bovina) e para a indústria madeireira (inventário de essências florestais capixabas), conciliando-os com suas funções de naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ) ou, eventualmente, de encarregado do poder público (GONÇALVES, 2018, p. 227).

No legado de Ruschi, observa-se que o ecologista, cientista e naturalista dava extrema importância à sua biblioteca particular e a direção de seu museu, sendo que o arquivo pessoal deve lograr igual zelo. A vida no museu e para o museu se entrelaça com a própria vida e, de tal forma, falar de um é falar do outro. Por isso, o refletir e irradiar dessa compromissada vida laboral e cidadã, não há fecho, não há fugacidade de valor.

E Ruschi, sem dúvida, foi um homem diferente [...]. Aliás, teimar foi o verbo que certamente Ruschi mais conjugou. Teimosia, ousadia, enfrentamento: suas armas na defesa de jacarandás, beija-flores, bromélias e todas as outras formas de vida que a Natureza insiste em oferecer aos homens. Muito antes da famosa Conferência de Estocolmo, em 1972, antes de ONGs, antes do Greenpeace, antes mesmo da generalização da palavra ecologia, Ruschi, na solidão de sua Estação Biológica de Santa Lúcia, já pesquisava, já estudava os percevejos, já se deslocava pelo Brasil afora, embrenhava-se pela Amazônia, vestia a camisa – e como soube fazê-lo – da defesa do meio ambiente, que traduzia no seu amor simples e arrebatado pelo córregos, jequitibás, morcegos, gaviões; enfim, um amor sem discriminação, porque fruto de uma visão de que a Natureza em seu conjunto é equivalente a uma sinfonia: se lhe tira um único instrumento, ela desafina. Esse homem visionário não parou aí [...] se utilizava da mídia para denunciar violências contra a Natureza, nunca esqueceu de brigar também no campo da Justiça, que ele dominava, por ser advogado. Desconfio que esse foi também o seu pulo do gato, sua lição não era menor. A democracia pode até ser deplorável, como querem muitos, não sem razões, mas infelizmente, em toda a história da humanidade, nada melhor foi experimentado. [posfácio de Edilson Martins, *As muitas vidas de um pioneiro*] (MEDEIROS, 1995, p. 220-221).

É importante destacar, ainda, que no parecer do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ – órgão do colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional do Ministério da Justiça) relativo ao acervo de Augusto Ruschi, no âmbito do acervo arquivístico, declarado de interesse público e social são identificados como ‘gênero bibliográfico’ cerca de mil “livros de biologia, ecologia e demais ciências naturais, obras de apoio à pesquisa e consulta” (CONARQ, 2012, p.1). Assim, Ruschi foi reconhecido como um dos 1000 grandes homens que construíram o saber e as ideias do século XX, e sem dúvida o principal personagem da defesa ecológica nacional apontam Ruschi ([André], 1997), Espírito Santo (2015) e Brasil (2018). Nesse sentido,

Uma análise mais atenta da vida de Ruschi vai nos ensinar muitos caminhos. Ele ingressa no mundo científico – torna-se professor titular do Museu Nacional –, descobre espécies raras de beija-flores, orquídeas e outras façanhas, mas não descuida da luta legal, de sua importância. Não para aí. [...] e nos ensina a compreender melhor o Brasil. Havendo justiça e memória – coisas raras num mundo sem memória e sem justiça – o Brasil precisa agradecer a Augusto Ruschi o seu visionarismo, suas utopias e principalmente o seu sentimento de mundo [...]. A ação e a vida de Augusto Ruschi precisam ser divulgadas, generalizadas, mostradas nas escolas, polemizadas; resgatados sua coragem e pioneirismo. Ele orgulha um tempo [...] a luta em defesa dos beija-flores, que foi e continua sendo a luta contra a intolerância [...]. esse Quixote polêmico vem travando a muitos anos, não só textos contundentes, mas também com imagens [Edilson Martins, posfácio de]. (MEDEIROS, 1995, p. 221-223).

Amar a natureza e preservá-la também envolve o incentivo à leitura, principalmente nos primeiros anos na escola, é crucial para se desenvolver as habilidades de comunicação e melhor conviver em sociedade. A atividade laboral mediadora e as memórias de interação e solidariedade da Museologia e da Biblioteconomia em tempos de exceção, mostram que atitudes e cuidados simples e rotineiros podem fazer a diferença para não só preservar o planeta, mas recuperá-lo. Nessa via, André Ruschi (filho) vozeia:

Cem anos [em 2015] de Augusto Ruschi! Advertências foram suficientes? Por que não? O ceticismo conveniente e as vãs tentativas de fraudar a realidade não puderam evitar as catástrofes da seca, das enchentes, das tempestades, extinções, desertificação, avalanches de lama tóxica e rios destruídos. Lucram bilhões e investem meio por cento de seus lucros em controle, segurança e saúde ambientais [...] Responsáveis? Sistema de licenciamento ambiental fraco, insuficiente. Programas de governo fracos, medíocres e decadentes, sem autonomia de fiscalização. Como que se põe um fiscal que não tem autonomia para fiscalizar [...]. Muito bem, algumas frases de Augusto Ruschi: [...] 'A natureza não perdoa, ela se vinga'. Aguardem, o sofrimento está só começando, gente! Isso não é de hoje. Quem lê a Bíblia com um pouco mais de atenção, o primeiro livro a falar de ecologia é a Bíblia. Toda vez que os povos lá se perdem nos costumes, nos hábitos e ficam gananciosos, perdulários, o que acontece? A terra seca, e as doenças aparecem. Isso está descrito na Bíblia diversas vezes: O homem é quem faz o mal do homem. [...]. Querem soluções? Mudem suas atitudes, senhores políticos, empresários. Mudem! Suas atitudes estão exterminando a vida do planeta [...] pois o governo que enfraquece o povo é tirano e absolutista. Toda vez que tem um governo, um político impedindo que o povo cresça e desenvolva sua opinião, estamos na frente de um tirano. Portanto, um tirano em exercício da tirania neste país é um ato de guerra. (ESPÍRITO SANTO, 2015, p. 5-7).

Portanto, o legado de Ruschi é fonte potencial para continuar pesquisas arquivísticas e biblioteconômicas que compõem a conjuntura da atuação do profissional da CI. Resgatar, preservar e divulgar a memória e obra de Ruschi (Patrono Nacional da Ecologia, Lei nº 8.917/1994) é promover e executar programas de educação ambiental e atuar em prol da conscientização das comunidades. É agir frente à preservação e conservação do Meio Ambiente, o que inclui a capacitação socioambiental e a formação de agentes multiplicadores, pessoas

atuantes na implantação de técnicas e diretrizes da qualidade de vida da população, desenvolvendo tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos.

A ideias e legado de Ruschi devem ser universalmente difundidos até os dias atuais. Permitem, como por exemplo, que o Ministério Público e o Poder Judiciário (DIBRARQ, 2021, p.1) possam atuar com recursos audiovisuais para situar a “defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio ambiental e ecológico e cultural”, difundindo o acervo (materiais iconográficos, slide, fotografia, CD e VHS, troféus, medalhas e objetos pessoais de Augusto Ruschi e do Projeto Arca de Noé) em prol da defesa e preservação ambiental e dos pactos ambientais e às suas consequências (é engajamento e direito de todos ter um meio ambiente ecologicamente equilibrado) de uma maneira geral.

### **5 Reflexões finais: provocar, refletir, agir, modificar**

Dr. Augusto Ruschi, o naturalista, envenenado! Ai, ai, ai. Tentou os hospitais, as farmácias e drogarias, consultou médicos, falou com cientistas, especialistas, tomou remédio, fez dieta, fez de tudo, mas nada, nada, nada adiantava. [...]. E veio o cacique Raoni. E veio o pajé Sapaim... Fumaram cigarros, deram banho de ervas, esfregaram as mãos, fizeram massagem... retiraram o veneno... curaram! ♪♪♪♪ (TATIT, 1988).

O pensamento de Ruschi é um objeto extremamente contemporâneo. Este texto não ensejou esgotar nenhuma discussão acerca das reflexões ecológicas, mas, antes, contribuir para novas possibilidades de diálogo para o âmbito biblioteconômico e socioambiental. Para Deleuze (1988, p. 4), na obra em Nietzsche e a Filosofia, frisa que a história de uma coisa (seja de uma identidade, seja de um valor moral atribuído a um fenômeno ou acontecimento) é a história da “coexistência de forças que lutam para se apoderar da coisa”, Afinal, as forças reativas têm sempre como “papel limitar, retardar, impedir que as forças ativas sejam acionadas”.

Há uma vitória arquivística e do patrimônio documental no Estado do Espírito Santo, ao se frisar que o acervo “arquivístico do ecologista e naturalista Augusto Ruschi foi declarado de interesse público e social, sua grande relevância para a história da ciência e para conscientização da sociedade brasileira sobre a importância da preservação da flora e da fauna de nosso País”. Conforme a notificação mantida e destacada no *website* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Ufes (UFES, 2022, p.1). Assim, Pacheco e Medeiros (1985, p. 10) evidenciam que “só o futuro dirá se a luta de Ruschi sairá vitoriosa”. Ambiciona-se que vindouras gerações possam dar continuidade aos projetos deixados por ele.

Ademais, a responsabilidade do pesquisador da CI é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Assim, Ruschi se notabilizou com o discurso de proteção

à natureza e conservação dos recursos naturais, aspectos intimamente ligados à ecologia. Parte dessa discussão foi fomentada pela organização da sociedade civil nos moldes de uma mobilização social, outra parte deve acontecer e se multiplicar em unidades de informação que promovem os diálogos, capacita mediadores. Ainda no âmbito da gestão social, essa reconstrução ambiental para o Brasil amplia a visão em torno de:

Nos Arquivos – desenvolver a competência material e o seu desenvolvimento a partir de atividades com arquivos; a criação do veículo de divulgação científica (o *Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão - BMBML*); a história e memória do Espírito Santo e da Mata Atlântica brasileira (com as correspondências, anotações de campo, fotografias, ilustrações, postais, mapas, entrevistas, artigos de jornal, objetos museológicos e outros documentos e instrumentos produzidos ou mantidos por Augusto Ruschi); as correspondência (cartas para Braga, consultor de assuntos da fauna e flora); a difusão de informações e de acervos (o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo - APEES, detém o raro periódico “Arquivos do Estado do Espírito Santo”, do ano de 1946, que traz o artigo “Orquídeas novas do Estado do Espírito Santo”, com a descrição de espécies, fotografias e desenhos, de autoria de Augusto Ruschi); o Arquivo Augusto Ruschi (AAR), custodiado pelo Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA); os vídeos educacionais (como o documentário ‘Guainumbi’ – 1979) entre outros. O papel da memória ecológica é continuar a alimentar os cientistas e as instituições com dados estratégicos: informações sobre migrações, condições de reprodução, *habitat* (ou dos habitat), qualidade e mudança dos solos, mudanças climáticas, entre outras métricas da informação e histograma de imagens.

Nas bibliotecas – aprimora a discussão sobre os efeitos poluidores de agrotóxicos sobre os ecossistemas; nas composições musicais, contação de histórias e práticas leituras (com ‘A incrível história do dr. Augusto Ruschi, o naturalista e os sapos venenosos’, que destaca a atividade preservacionista de Ruschi, o resgate de crônica com o itabirano *Carlos Drummond de Andrade*, que faz homenagem ao naturalista; e, na obra do cachoeirense Rubem Braga, colonista que escreveu no Jornal do Brasil ‘Nasce uma orquídea’, ‘O gaturamo’ e o chamado ‘homem prático’ versam sobre Ruschi); beneficia o debate sobre a ética, que vai muito além do âmbito científico e envolve o combate ao falseamento de informações cientificamente; e, potencializa o fornecimento de *light repositories* [repositórios abertos].

Nos museus – esmera as visitas monitoradas; os vídeos institucionais; a competência em informação (há uma crença arraigada que o cenário de equilíbrio ambiental expressa obstáculos ao desenvolvimento); a publicação de novo mapa fitogeográfico para o Espírito Santo; as atividades voltadas à educação ambiental, bem como à memória de seu Patrono; enrija o próprio Museu de Biologia Prof. Mello Leitão (Santa Teresa) dedicado à pesquisas relativas à

Mata Atlântica, sua biodiversidade, história e conservação; os objetos museológicos de Ruschi; os produtos e serviços da Estação Biologia Marinha Ruschi (EBMAR), Estação Biológica de Santa Lúcia (EBSL) e Casa Augusto Ruschi (detentora dos direitos autorais).

Nessa via, o ser visionário (naturalista, agrônomo, botânico e advogado), palavra que define Ruschi, que ao longo da própria carreira, na verdade, vislumbrava um futuro em que as outras gerações pudessem continuar os projetos por ele deixados. Para isso, o DIBRARQ (2021) enumera vasta área (de descrição) para a atuação da EBMAR (reserva natural), indo além das pesquisas e adentrando na circunspeção cultural e educacional (interfaces do legado de Ruschi e o campo interdisciplinar da CI).

Assim, de flor em flor, à procura de néctar o beija-flor (ave notória nos estudos de Ruschi) vai operando a polinização, tal ato é necessário para transformar a flor em fruto. Da mesma forma, o bibliotecário, o museólogo e a arquivista fazem mediando e difundindo informações, diante das necessidades, demandas e desejos de informações de diversos interagentes e suas micronarrativas que aglutinam múltiplos saberes de variados campos.

Entende-se, que o Beija-flor não invade o pistilo da flor, e, também não pousa em seu perianto. Ele retira apenas o néctar imprescindível para a sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que evidencia a oportunidade do surgimento de um novo fruto. De informação em informação, o profissional das unidades de informação também ajuda a semear novos conteúdos (polinizando saberes), frutificando formas de empoderar concretizando novos projetos e sonhos.

O profissional da informação colabora para o crescimento da sociedade. O bom profissional sabe que a felicidade de seus interagentes deve ser a sua principal missão. Em vários momentos, o legado de Ruschi “justifica o seu ativismo voltado para a proteção da natureza a partir da união entre valores éticos, estéticos e utilitários” reportam Maia e Franco (2021, p. 331). Nessa via, entende-se que viver é “estar empenhado com a vida, é um dever ético. Ou seja, não basta sentir-se existindo [...]”, caberá também, argumenta Sá (2019, p. 254), erguermos o compromisso com a vida é, portanto, “sem dúvida, um fundamento, não apenas um argumento perante a doutrina da Ética [...] Tudo indica que o Universo não é formado de ‘perdas’, mas de ‘transformações’”

Da mesma forma que o Beija-flor, o arquivista, o bibliotecário (a) e o museólogo (a) travam uma luta diária pela sobrevivência profissional e institucional, através do melhor serviço prestado com encanto, criatividade e dedicação, gera frutos: a busca pelo melhor atendimento e a criação de diferenciais que gerem a visibilidade social da profissão (imagem laboral) e a fidelização dos interagentes.

A pandemia demonstrou que a informação é o bem mais precioso da humanidade, das diversas instituições dos setores, públicos e privados, que precisam estar qualificadas, robustas a trabalhar em prol da cidadania. A crise sanitária deixou as pessoas e as equipes dos profissionais da informação mais próximas e mais engajadas, com compromisso de erguer com criatividade, a vontade de superação dos problemas e restrições.

O percurso teórico de Ruschi, inconformista e idealista, mostra o fundamento da militância, o cuidado que se estendiam à montagem de bibliotecas e Estações Biológicas/Ecológicas/Ambientais, uma aposta no Brasil capaz de se reinventar e não perpetuar a constância do 'mais do mesmo', pois o que está vivo vai adiante.

As entrevistas dadas por Ruschi apontam que seus projetos estavam relacionados à educação e cultura, foram marcos da atividade política. Observe-se, não é nexos que se reproduz, *in totum*, entre as 'expedições' havia sempre o 'quero mais'. Todavia, Ruschi reconhece a ecologia como pedra angular para se alcançar a autonomia e o progresso das sociedades latino-americanas.

Por fim, a jornada Ruschi aponta mais que uma carreira, na verdade, envolve a eterna busca, perenal caça que vai ao e de encontro à vida. Empolgantes lanços compõem o inventário de vespas esfécidas, concussões com rãs e deletérios sapos, descoberta de orquídeas e exóticas bromélias, observação de morcegos e reemergente percevejos, descobrimento de macacos e sarapintado colibris, utopias e o poético visionarismo, o enfrentamento e a rotina de entusiasmo, a teimosia e a inovadora ousadia, os excursionismos do 'Rucus' ancestral e do pequeno 'Guti' verdureiro, a loucura e a fervida sanidade mental que fervilha diante a agricultura das plantas medicinais da Amazônia, antes que sejam extintas.

## Referências

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU DE BIOLOGIA PROFESSOR MELLO LEITÃO: SAMBIO (Brasil). Conhecendo o Museu de Biologia Prof. Mello Leitão – I. In: SAMBIO. **Notícias**: Página WordPress. [Santa Teresa, ES]: SAMBIO, jun. 2011. Disponível em: <http://sambio.org.br/conhecendo-o-museu-de-biologia-prof-mello-leitao-i/#.YvOL-nbMLIU> Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei... Denomina Terminal Augusto Ruschi o Terminal I de Passageiros do Aeroporto de Vitória**: [Proposição do] deputado Lelo Coimbra, 2018. Brasília: Câmara Legislativa, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/84708211/Ruschi\\_Aero](https://www.academia.edu/84708211/Ruschi_Aero) Acesso em: 11 jul. 2022.

CHEHUEN NETO, José Antonio; LIMA, William Guidini Lima. Tipos de pesquisas científicas. In: CHEHUEN NETO, J. A. (org.). **Metodologia da pesquisa científica: da graduação à pós-graduação**. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 97-132.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS CONARQ (Brasil). **Parecer 17/2012**: Manifesta-se sobre a declaração de interesse público e social do acervo de Augusto Ruschi. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012. Disponível em: [https://www.gov.br/conarq/pt-br/servicos-1/declaracao-de-interesse-publico-e-social/Parecer\\_17\\_AugustoRuschi.pdf](https://www.gov.br/conarq/pt-br/servicos-1/declaracao-de-interesse-publico-e-social/Parecer_17_AugustoRuschi.pdf) Acesso em: 11 jul. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PressesUniversitaires de France, 1988.

DIBRARQ: DIRETÓRIO BRASIL DE ARQUIVOS (Brasil). Entidade custodiadora: Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi - ESEBMAR. In: DIBRARQ. **Estação Biologia Marinha Augusto Ruschi**. Brasília, Ministério da Justiça e Segurança Pública: Arquivo Nacional - Página DIBRARQ, jan. 2021. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/estacao-biologia-marinha-augusto-ruschi> Acesso em: 18 mar. 2022.

DIETRICH, Luiz José; ALMEIDA, Nadi Maria de. Desmatamento da Amazônia, impactos ambientais e desafios para a espiritualidade cristã: responsabilidade mundial para uma ecologia integral. **Franciscanum**, Bogotá, v. 62, n. 173, p. 1–30, 2021. Disponível em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/4112> Acesso em: 14 ago. 2022.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Governo do Estado do Espírito Santo (Governo ES). Museu em Santa Teresa apresenta vida e obra de Augusto Ruschi, Patrono da Ecologia. In: ESPÍRITO SANTO (Estado). **Centrais de Conteúdo**. Vitória: Governo ES, dez. 2019. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/museu-em-santa-teresa-apresenta-vida-e-obra-de-augusto-ruschi-patrono-da-ecologia> Acesso em: 8 ago. 2022.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Augusto Ruschi (*In Memoriam*). In: PRÊMIO DOM LUIS: Governo ES. **Prêmio Dom Luis Gonzaga**. Vitória: Governo ES, 24 ago. 2015. Disponível em: <https://premiodomluis.es.gov.br/augusto-ruschi-in-memoriam> Acesso em: 4 ago. 2022.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Sessão solene em homenagem ao Centenário do Patrono da Ecologia no Brasil, Augusto Ruschi**. Vitória, ES: Assembleia Legislativa, 14 dez. 2015. Disponível em: [https://www.al.es.gov.br/appdata/anexos\\_sptl/ata\\_sessao\\_plenaria/Solene\\_50\\_02.12.2015.pdf](https://www.al.es.gov.br/appdata/anexos_sptl/ata_sessao_plenaria/Solene_50_02.12.2015.pdf) Acesso em: 31jul.2022.

GONÇALVES, Alyne dos Santos. O Museu Mello Leitão e a institucionalização da biologia no Brasil: práticas científicas, militância ambiental e a consolidação de um novo campo do saber. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 213-231, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.53727/rbhc.v11i2.82> Acesso em: 15 ago. 2022.

GONÇALVES, Alyne dos Santos; FURTADO, Marcello França. *Catálogo do acervo textual de Augusto Ruschi no Instituto Nacional da Mata Atlântica*: Museu de Biologia Prof. Mello Leitão. Vila Velha, ES: Above, 2015. 452 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/84708917/Acervo\\_Ruschi](https://www.academia.edu/84708917/Acervo_Ruschi) Acesso em: 11 ago. 2022.

GURGEL, Antônio de Pádua. **Ruschi**: o guardião da floresta. Vitória, ES: Pró Texto, 2021, 138p. Disponível em: [https://www.academia.edu/84706751/RUSCHI\\_A](https://www.academia.edu/84706751/RUSCHI_A) Acesso em: 15 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Augusto Ruschi. In: IBICT. **Canal Ciência, os notáveis da Ciência Brasileira**: notas de conteúdo por Giulia EngelAccorsi, fev. 2022. Brasília, DF: IBICT, 2022. Disponível em: <http://canalciencia.ibict.br/ciencia-brasileira-3/notaveis/407-augusto-ruschi#outras-fontes> Acesso em: 14 ago. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DA MATA ATLÂNTICA(Brasil). Augusto Ruschi: O Fundador. In: INMA. **Página de conteúdo do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações**. [Santa Teresa, ES]: INMA, 2014. Disponível em: <http://antigo.inma.gov.br/augusto-ruschi-o-fundador/> Acesso em: 18 mar. 2022.

MAIA, Juliana Capra; FRANCO, José Luiz de Andrade. **O homem, a mata e o beija-flor**: Augusto Ruschi e a conservação da natureza no Brasil. Santa Teresa, ES: INMA: Imprensa, 2021, 388 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/84708485/Ruschi\\_II](https://www.academia.edu/84708485/Ruschi_II) Acesso em: 14 ago. 2022.

MEDEIROS, Rogério. *Ruschi*: o agitador ecológico. Rio de Janeiro: Record, 1995. 223p., [8] p. de estampas.

MORRO DO MORENO. Augusto Ruschi: Personalidades Capixabas [de 1980]. [S. l.], Morro do Moreno: Maria Nilce e Walter de Aguiar Filho (comp.), set. 2021. In: **Morro do... Personalidades Capixabas**. Vila Velha: Morro do Moreno [website], set. 2021. Disponível em: <https://morrodomoreno.com.br/materias/augusto-ruschi.html> Acesso em: 14 ago. 2022.

PACHECO, Renato; MEDEIROS, Sandra. **Augusto Ruschi**:o verdureiro que virou cientista. [Vitória, ES]: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985. [12] f. (ColeçãoTaruíra; 3).

PINHEIRO, Silvana. **Houve um beija-flor**. Espírito Santo, ES: Formar, 2019.44 p.

RUSCHI, André. Augusto Ruschi. In: EBMAR. **Estação Biologia Marinha Augusto Rusch**: *Augusto Ruschi* - Projeto Arca de Noé, Santa Cruz. [Aracruz, ES]: EBMAR, set. 1997. Disponível em: <https://www.augustoruschi.com.br/augustoruschi.html> Acesso em: 13 ago. 2022.

RUSCHI, Augusto. Cientista Doente Alerta Para Destruição Ambiental Do País. [Entrevista cedida a] Rodrigo Barbosa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, domingo, 19 jan. 1986. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_19jun00.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_19jun00.htm) Acesso em: 23 mar. 2017.

SÁ, Antônio Lopes de. **Ética Profissional**. Rio de Janeiro: Atlas:Grupo GEN, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597021653/> Acesso em: 16 maio 2022.

TATIT, Paulo [Compositor e intérprete]. A Incrível História do Dr. Augusto Ruschi, o Naturalista e os sapos venenosos. *In*: GRUPO RUMO. **Quero passear**: disco infantil. Eldorado: [s.n.], 1988. 1 LP: Lado A, Faixa 6. (ca. 6:09 min). Disponível em: <https://www.gruporumo.com.br/index.php?mpg=08.00.00&nfo=71&leta=A> Acesso em: 11 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Ciência da Informação [Programa de Pós-Graduação em]: Departamento de Arquivologia. **Vitória arquivística e do patrimônio documental no Estado do Espírito Santo**: informe de interesse público social, jul. 2022. Disponível em: <https://cienciainformacao.ufes.br/pt-br/conteudo/vitoria-arquivistica-e-do-patrimonio-documental-no-estado-do-espírito-santo> Acesso em: 2 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Ufes concede título de Doutor Honoris Causa a Augusto Ruschi no sábado**: notas curtas, categoria destaque por Luiz Vital, dez. 2015. Disponível em: <https://ufes.br/conteudo/ufes-concede-t%C3%ADtulo-de-doutor-honoris-causa-augusto-ruschi-no-s%C3%A1bado> Acesso em: 11 ago. 2022.

ZUPELARI, Maria Fernanda Zanatta; WICK, Maíra Arantes Leite. A incerteza do futuro e a questão ambiental na contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 447-456, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v15n3/13.pdf> Acesso em: 11ago.2022.